



## REFLEXÕES ACERCA DA ATITUDE PSICOTERAPÊUTICA EM SUPERVISÃO DE ESTÁGIO NUMA VERTENTE FENOMENOLÓGICA- EXISTENCIAL

*Celina Maria Aragão Ximenes<sup>1</sup>*  
Faculdade Pio Décimo/Sergipe

**Resumo:** A autora apresenta reflexões acerca do caráter da clínica psicológica e sua função na vida das pessoas que procuram atendimento na tentativa de superação de seus conflitos. Especificamente, as experiências vivenciadas pela autora no contexto de supervisão de estágio em psicologia clínica na vertente existencial são apresentadas como meio de discutir as inquietudes do fazer do profissional de psicologia junto às subjetividades envolvidas no processo terapêutico. Em tom de considerações sobre as reflexões oferecidas é defendida a necessidade de se assumir uma atitude sutil que possibilite visualizar os fenômenos em seu caráter mais próprio, condizente com um olhar que ilumina, esclarece em perspectiva e provisoriamente, aquilo que aparecendo a uma dada consciência, revela sentido e significado.

### INTRODUÇÃO

Durante a semana, quase que cotidianamente no entardecer do dia, no trajeto de minha residência até a clínica aonde realizo supervisão de estágio em psicologia clínica junto a alunos de uma IES, pelo pára-brisa do carro observo atentamente o movimento de pessoas e veículos nas vias

públicas. Muitos veículos transitando em alta velocidade na esperança de chegarem a tempo em seus locais de destino, pessoas caminhando assustadas e apressadamente, ônibus superlotados, pedintes aguardando ansiosamente nos semáforos na esperança de conseguirem algum “trocado”, muitos famintos, outros, drogados, alguns, fisicamente debilitados, à deriva nas calçadas, famílias desabrigadas improvisam suas moradias, viaturas da polícia e ambulâncias em velocidade tentando conter situações de risco, *shoppings centers* com seus estacionamentos lotados, belíssimas galerias comerciais expõem suas mercadorias a uma clientela seleta, alguns edifícios residenciais com encantadoras estruturas arquitetônicas, aqui e acolá uma criança sendo afagada e conduzida cuidadosamente, um casal esboçando contagiante felicidade num aperto de mãos, um idoso caminhando com dificuldade sob os cuidados de alguém mais jovem.

Nesse percurso, em meio a paradas nos semáforos e na condução do meu veículo, esse discrepante cenário desperta-me atentamente o olhar... As diferentes imagens reveladoras dos contrastes que acenam a contemporaneidade ganham ressonância em mim, a um só tempo, sob forma de contentamento e pesar: contentamento face a raríssimas situações que traduzem afeto, cuidado e respeito, substrato crucial à vida; pesar, muito pesar diante do predominante cenário que manifesta a precariedade de vidas jogadas ao *léu*, mal vividas, e num extremo, vidas indignas decorrentes de uma série de fatores que, direta e/ou indiretamente acabam comprometendo a qualidade de vida de milhões de brasileiros, pessoas que em sua maioria não têm acesso aos meios de consumo que satisfaçam as suas necessidades básicas, no tocante a uma moradia digna, saúde, transporte, educação. Em meio a esses contrastes, a velocidade da dinâmica da vida

<sup>1</sup> Especialista e Mestre em Psicologia Clínica na abordagem fenomenológica-existencial pela PUC-MG e Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), respectivamente. Professora da Faculdade Pio Décimo – Sergipe/Brasil



humana parece imperar. Todas as coisas transcorrem muito rapidamente, tornam-se fugazes, banais, descartáveis e comumente destituídas de sentido. Falta tempo... tempo para o contato mais aproximado e familiar na consolidação de relações com o outro, com o mundo e consigo mesmo.

Assistimos à banalização da condição humana nos âmbitos social, político, econômico e cultural, fragilizando ainda mais aqueles que não conseguindo acompanhar a velocidade dos acontecimentos mundanos no ambiente do trabalho, da família..., marcados pela aterrorizante competitividade, sentem-se mais e mais marginalizados – situação que os torna extremamente suscetíveis a patologias diversas e a transtornos mentais.

O mundo que corre aqui fora é exatamente o mesmo que, numa segunda versão, é traduzido discursivamente no *setting terapêutico*. E lá vou eu ao encontro de meus supervisionandos na tentativa de refletir com eles o caráter da clínica psicológica, contexto que envolve uma série de fatores que traduzem os percalços que norteiam a contemporaneidade, afetando em maior ou em menor grau as pessoas que procuram atendimento psicológico na tentativa de superação de seus conflitos. A sensação enquanto profissional da área de humanas é de extrema perplexidade, inquietude, insatisfação, e, sobretudo, impotência diante de uma acelerada e avassaladora devastação do mundo e, nesse ínterim, o expressivo aumento de vidas desperdiçadas, muitas das quais convertidas em patologias de cunho orgânico, afetivo-emocional e psíquico.

Nesse contexto, impactados, sentimos a necessidade de uma vez tomando consciência de nossa responsabilidade ética face a esse degradante cenário, comprometer-nos com aquilo que em se mostrando para nós, clama ser cuidado, especificamente naquilo que nos compete enquanto psicólogos verdadeiramente comprometidos com a realidade social. Estamos resolutamente implicados com tal questão. Não há como prosseguirmos em nosso fazer de ofício sem

lançarmos luz sobre a mesma. Do contrário, permaneceríamos a “vendar os próprios olhos” face ao exercício de nossa profissão.

O momento atual exige-nos uma radical mudança de atitude se, de fato, quisermos garantir o nosso fazer junto à sociedade que solicita urgentemente a minimização de seus conflitos. No transcorrer de todo o percurso acadêmico aprendemos a nos deter substancialmente nas teorias psicológicas, nas técnicas de intervenção propostas pelas diferentes abordagens, nos manuais de psiquiatria que descrevem minuciosamente os quadros nosológicos característicos dos denominados “transtornos mentais”, nos escritos de psicopatologia... Assim, impregnados de todo um arcabouço teórico e metodológico no modo de interpretarmos a subjetividade, comumente encaminhamo-nos para a prática clínica na vã tentativa de darmos conta do contexto que se nos apresenta, a saber: o de estarmos diante de um outro que em seu sofrimento, clama, a curto prazo, a “solução” de seu conflito mediante nossa intervenção enquanto psicoterapeutas. Questionamo-nos: aonde “encaixam-se” todos esses conhecimentos no contexto da clínica psicológica?!

Em momentos, dá-nos uma estranha sensação de que as leituras, em quaisquer das vertentes psicológicas, parecem não coadunar com a nossa experiência imediata enquanto psicoterapeutas, no tocante àquilo que o cliente nos revela em seu sofrimento. Impregnados de um psicologismo exacerbante, de teorias que delimitam previamente o real, tentando apreendê-lo substancialmente, experienciamos uma expressiva crise no âmbito da Psicologia, sinaliza Figueiredo (1996). Em vista disso, corremos o risco de nos perdermos em meio a esse caos que afeta a contemporaneidade e que, por assim dizer, tende a nos impactar, impossibilitando o incremento de um modo de pensar que viabilize o emergir de mais efetivas práticas psicológicas.

Entendemos que os contrastes sociais evidenciados retratam, atualmente, a



precariedade da vida humana, decorrente seja do apego à materialidade do mundo na tentativa de supressão de carência afetiva, seja em função da expressiva escassez de recursos materiais necessários à vida de qualquer cidadão comum. Estritamente fundamentada nas ciências naturais, num equivocado modo de lidar com o humano em termos de experiência vivida, a clínica psicológica parece naufragar dia a dia, no momento em que não lançando um olhar que nos permita elucidar o nosso objeto de estudo, o existir humano em sua concretude, torna-se incapaz de propor outros modos de intervenção que favoreçam um fazer mais efetivo, contribuindo, assim, para a manutenção do *status quo*. Inspirada em Figueiredo (1996), insistimos em repetir um modelo epistemológico que parece não mais atender aos anseios de profissionais que sensibilizados com a realidade concreta, realizam um movimento de rever, reflexiva e criticamente as suas práticas no sentido de favorecer o redimensionamento do sofrimento em seu caráter especificamente humano. Nesses termos, afirma o autor (1996):

O que vai caracterizar a clínica, no meu entender, é, antes de mais nada, a submissão do sujeito a um outro que irrompe e se eleva à sua frente, expressando sofrimento, fazendo-lhe exigência, desafiando sua capacidade de atenção e hospedagem, escapando em maior ou menor intensidade ao campo de seus conhecimentos e representações, furtando-se ao domínio, desalojando-o [...] Clinicar é, assim, inclinar-se diante de, dispor-se a aprender-com, mesmo que a meta, a médio prazo, seja aprender sobre. (pg. 129)

Abordar espretensiosamente uma temática no universo científico e, em particular, no âmbito da clínica psicológica constitui para nós uma proposta de grande envergadura, momento em que questionamos se, de fato, isso é possível. Refletir despretensiosamente acerca de qualquer fenômeno significa esforçar-nos no sentido de percebê-lo destituído de conhecimentos

prévios, assim propõe o método fenomenológico, o que, noutros termos, significa *partir das coisas mesmas* no modo como estas se nos apresentam em nossa experiência imediata. A fenomenologia enquanto método visa apreender os fenômenos numa perspectiva que favoreça um olhar mais aproximado, afinado com a maneira como tais coisas ganham ressonância em nós em seus diferentes modos de ser. Nesses termos, a fenomenologia se contrapõe à ciência moderna ancorada no predominante modelo cartesiano que face os fenômenos apreende-os inteiramente, manipulando-os, instituindo verdades absolutas, assegurando e garantindo, assim, um pretensioso e equivocado controle do real.

O nosso olhar diante da especificidade da clínica, manifesto em seus pormenores, solicita-nos uma atitude sutil que nos possibilite visualizar os fenômenos em seu caráter mais próprio, condizente com um olhar que ilumina, esclarece em perspectiva e provisoriamente, aquilo que aparecendo a uma dada consciência, revela sentido e significado. Tal atitude expõe-nos diante da inapreensibilidade do real, traduzindo, paradoxalmente, de um lado, a fragilidade da condição humana, e, de outro, a grandiosidade de um pensar que enobrece o nosso existir, a medida que nos aproxima do mundo da vida, de um viver envolto no horizonte de busca de sentido mais próprio, marcado pela singularidade.

No contexto de supervisão de estágio em Psicologia Clínica na vertente existencial, deparamo-nos com algumas questões que repercutem em maior ou em menor grau na dinâmica dos atendimentos propostos, conforme diálogo estabelecido com estagiários durante encontros de supervisão. Entendemos que apesar dessa atividade constituir um momento outro comparado ao atendimento clínico propriamente dito, à medida que o terapeuta-estagiário traduz, numa segunda versão as temáticas emergentes no *setting terapêutico*, consideramos ser esse um período



privilegiado na formação desse futuro profissional, cuidadoso com o seu fazer de ofício, visto que com ele tecemos reflexões que muito nos permite trilhar um caminho que nos aproximando mais e mais da conflitiva experienciada pelos clientes em seus mundos vividos, favorecemo-lhes em nossos contatos com os mesmos o redimensionamento de sua própria história de vida. Assumir tal atitude proposta pelo método fenomenológico, significa valer-nos de nós mesmos no que revela a condição de *ser-no-mundo*. Inspirados no pensamento heideggeriano, particularmente, na primeira fase de seu pensamento, expresso em sua obra “Ser e Tempo”, tal condição retrata o modo como nos encontramos angustiadamente situados no mundo, na relação com uma dada realidade, no lidar com coisas e pessoas, e, sobretudo, com nós mesmos, encaminhamo-nos em direção a um existir mais próprio cujo sentido articula-se na íntima relação com o mundo que revelando-se, diz de nós, permitindo-nos, assim, a revelação de uma vida que constituindo-se “artesanalmente”, vale à pena ser vivida apesar das adversidades, das contradições, dos paradoxos que a traduzem.

A princípio, tal proposta parece-nos imbatível, no entanto, sob a égide de uma atitude fenomenológica, portanto, inspirados em nossa experiência cotidiana no universo que contempla a clínica psicológica, tentaremos, timidamente, refletir acerca de algumas nuances que traduzem a especificidade do nosso fazer no contato generoso com nossos estagiários que angustiados e inseguros, compartilham conosco suas experiências. Realizar supervisão na área clínica, inspirada nos escritos de Martin Heidegger tem sido para nós, a um só tempo, um movimento árduo e enriquecedor em termos de um conhecimento mais aproximado do homem em sua cotidianidade – fato que resulta do permanente contato com temáticas existenciais emergentes, a saber: o sentimento de angústia, a morte enquanto possibilidade mais própria, a culpa ontológica, a incessante

busca de sentido, dentre outras. Em momentos, os olhos marejam, a voz embarga, o corpo estremece... a condição humana explicitamente ganha corpo em nós, pois, sentimos o quanto estamos implicados com tais fenômenos. Noutros momentos, sentimo-nos extremamente encorajados para abordar tudo aquilo que flui naturalmente: a vida humana vivida familiar e estranhamente em sua plenitude, sentida na pele, expressa em palavras que encaminham o movimento de busca de sentido da vida. Esse movimento de recuo e aproximação com a experiência vivida na clínica, providencia o aflorar de novas possibilidades de ser no contato imediato com nossos clientes, reconhecendo-nos, assim, como existentes que compartilhando um mundo que é comum a todos, torna-se capaz de ser compreendido na familiaridade com o mesmo em nossa disposição afetiva. A sensação é de alívio e dor... Dor, visto o envolvimento afetivo com aquilo que discursado pelo cliente, clama ser por nós compreendido na trama de significados que envolve aquela existência. O sofrimento manifesto em diferentes temáticas revela comumente a angústia daquele que não conseguindo apropriar-se da sua questão, momentaneamente paralisa em sua dinâmica de vida.

No início das supervisões de clínica, os estagiários, ansiosos em sua maioria, quando questionados a respeito do significado de clínica psicológica, tecem, equivocadamente, considerações acerca do caráter desta, envoltos em preconceitos que definem muito mais a clínica médica do que mesmo a psicológica, a saber: o “paciente”, a “doença”, as técnicas de intervenção que promovam a “cura” daquele..., concepções que muito diferem da Psicologia enquanto ciência e profissão em seu caráter mais próprio. Adverte-nos Figueiredo (1991):

Atividade profissional do psicólogo requer uma incorporação dos saberes psicológicos às suas habilidades práticas de tal forma que mesmo o conhecimento explícito e expresso como teoria só



funciona enquanto conhecimento tácito; o conhecimento tácito do psicólogo é o seu saber de ofício, no qual as teorias estão impregnadas pela experiência pessoal e as estão impregnando numa mescla indissociável; este saber de ofício é radicalmente pessoal, em grande medida intransferível e dificilmente comunicável. (pg. 91)

Nesse instante, inspirados no método fenomenológico, convidamo-os a refletir acerca do significado da condição de “estar no mundo”, momento em que retomamos as clássicas questões propostas pela Filosofia: “quem somos?”, “de onde viemos?”, “para onde vamos?”, “o que visamos?”, “qual o sentido da vida?” Assim, lançamos, inicialmente, a possibilidade de um olhar mais atento, íntimo e cuidadoso acerca do mundo, das coisas, e, sobretudo, de nós mesmos. O silêncio que se instala num curto intervalo de tempo, que para muitos, parece uma eternidade, sinaliza o profundo estado de angústia que parece tomar-lhes conta no momento. Alguns, demonstrando um certo estado de afetabilidade, realizam o movimento de pensar o seu existir, este marcado por paradoxos, contradições e incertezas... Outros, permanecem em seu recolhimento, talvez, refletindo acerca de tais questões. O impactante silêncio, comumente acompanhado de tamanha estranheza, parece ampliar o horizonte de conhecimento na busca de quem verdadeiramente somos em termos de experiência imediata. Somos no mundo envoltos numa angústia sutil e em momentos, avassaladora, que mediante a possibilidade da morte, encaminha-nos em busca de sentido, assim, sugere-nos Heidegger (1996). A desilusão se instala no instante em que reconhecendo a nossa tamanha fragilidade diante do real, evidente na expressiva tentativa de controle e apreensão deste, instituindo, assim, verdades inabaláveis – recuamos face a pretensiosos saberes que intentam, sobretudo, negar o homem enquanto ser de angústia.

O *retorno às coisas mesmas*, proposto pelo método fenomenológico ganha

expressão em nós, “caindo por terra” uma infinidade de conceitos que parecem soar estranho aos nossos ouvidos... Algo parece des-toar e, ao mesmo tempo, ganha uma certa familiaridade em nós em termos de experiência vivida. Uma vida que se tornou alvo de especulações teóricas, de tamanha racionalização, deixou de ser sentida na própria pele e, portanto, não ressignificada em sua concretude. No nosso entender esse resgate precisa ser feito por nós supervisores junto àqueles que intentam ser psicoterapeutas inspirados na vertente existencial que, engajados, reconhecem a frágil e significativa condição humana, ainda que esse reconhecimento provoque neles extrema angústia. Esse estado de afetabilidade experienciado pelo estagiário traduz-se numa forte sensação de inquietude, remetendo-os à incompletude, incerteza, e, mesmo desamparo. Des-amparo que atemoriza e conforta à medida que face à grandiosidade do real, os mesmos reconhecem as suas próprias limitações e possibilidades enquanto mediadores no movimento de reconstituição do mundo subjetivo de seus clientes. Noutros termos, significa que o estagiário em sua disposição afetiva para acolhê-los em seu sofrimento, compartilhando um mundo que lhes é familiar, manifesto através do discurso, presentifica-se na relação - situação que mais e mais favorece o desentranhe daquela existência compreendida em seus pormenores.

Um bom terapeuta, consciente do seu compromisso ético e profissional procura favorecer uma escuta que aclare a situação do outro, sobretudo, para si mesmo no modo como este tem lidado com a sua existência. Assim, necessita entranhar-se, dispor-se a incorporar a história deste, a refletir conjuntamente acerca das escolhas por ele realizadas que delineiam o seu modo de ser, providenciando mediante a angústia, o redimensionamento de um existir envolto na esfera do sentido. Entendemos que esse movimento de busca de sentido que permeia a clínica depende, substancialmente, da abertura do terapeuta face a si mesmo, a sua



inquietação diante da vida, esta que em permanente estado de inacabamento clama ser cuidada, temporalmente integrada em suas vicissitudes. Desse modo, a angústia que no momento presente aflige e ameaça o existir humano, uma vez sustentada pelo terapeuta, sentida na pele, provoca no cliente um movimento árduo de retomada de sua história, seja ela qual tenha sido.

Esse terapeuta em meio a suas “bem-aventuranças” e “des-venturas” que constituem, atualmente, a pessoa que está sendo na relação com seu cliente, destituído de preconceitos acerca do comportamento humano, permite aproximar-se de um mundo vivido que lhes é peculiar, convocando aquele outro a discorrer acerca de si mesmo. Instantes de alegria e bem-estar seguidos de uma agradabilíssima sensação de plenitude, bem como, os medos, as perdas, as angústias, as frustrações que, por vezes, decorrem de situações traumáticas, parecem ganhar corpo em tal relação, de modo que o terapeuta fincado no que emerge em seu contato imediato com o cliente, partindo das *coisas mesmas*, dispõe-se a “transitar” com ele caminhos outros que remetendo-o a uma ruptura que se instalou em um dado instante de vida, clama ser por ele ressignificado.

Nenhum aprendizado dispensa a viagem. [...] Parte, sai. Sai do ventre de tua mãe, do berço, da sombra oferecida pela casa do pai e pelas paisagens juvenis. Ao vento, sob a chuva: do lado de fora faltam abrigos. Tuas idéias iniciais só repetem palavras antigas. (SERRES, 1991: pg. 15)

Em vista do profundo estado de afetabilidade que caracteriza o contexto da clínica psicológica, costumo dizer a meus estagiários que o nosso fazer de ofício enquanto psicoterapeutas inspirados na vertente existencial é extremamente árduo e, apesar de arriscado, humanamente enobrecedor. *Árduo*, à medida que traduz a dificuldade de permanecermos fiéis, à espreita de algo que da ordem do inusitado ameaça emergir no amalgamento de pensamentos,

sentimentos e emoções vividas pelo cliente, enfim, estando atentos a tudo o que em se mostrando numa intrigante trama de significados, clama ser cuidado. *Arriscado*, uma vez que efetivamente presente na relação com o outro, este pode acarretar-nos o afloramento de variados modos sintomáticos de ser. Compartilhar com o outro momentos de vida, a sua história, constitui para nós um enorme desafio, pois implica em estarmos vulneráveis aos entraves que traduzindo o nosso existir, possivelmente emergirão, podendo, assim, comprometer o desenrolar da psicoterapia. Expressivamente afetado pela questão emergente, o terapeuta poderá encontrar-se “à deriva” na relação, momento em que sentir-se-á paralisado mediante a patologizante angústia que o acomete, inviabilizando, assim, o movimento de abertura do cliente face a sua história. (XIMENES, 2005) Por fim, *enobrecedor*, uma vez que enquanto terapeuta nos é dada a possibilidade de uma vez dispostos às adversidades que definem a condição humana, tornamo-nos capazes de encarar a vida com mais generosidade e lucidez, considerando os limites e as possibilidades que a mesma nos revela no incessante movimento de busca de sentido da vida.

Desse modo, entendemos que cuidar do outro pressupõe, sobretudo, um cuidado consigo mesmo no tocante ao temporalizar do próprio existir. Significa a possibilidade de, por instantes, integrarmos uma história que *bem* ou *mal-dita*<sup>2</sup>, promova em nós uma ressonância afetiva que favoreça o manifestar de um diálogo autêntico e genuíno.

Uma pessoa pode ajudar outra a resgatar para si a função da palavra, reencontrando passo a passo o silêncio que procura se romper em cada fala, o que não é possível sem uma modulação sincrônica da própria existência com a

<sup>2</sup> Pompéia (2002), ao fazer uso de tais termos sugere que a clínica psicológica, marcada expressivamente pela privação de sentido, viabiliza a condição humana o alcance de um dizer de seu sentido.



existência da outra pessoa.  
(AMATUZZI, 1989: 37)

Acrescenta o autor (1989):

Isso pressupõe que o terapeuta [...] esteja atento ao contexto da relação onde ocorre a fala, posicionando-se nesse contexto e não apenas em relação ao significado imediato, digamos literal, da fala, pois é no contexto total da interação que os múltiplos sentidos poderão se desdobrar. (pg. 39)

O despretenso diálogo privilegiado nas sessões de atendimento visa, sobremaneira, o redimensionamento da dinâmica relacional do cliente com o seu mundo – fato que pressupõe o envolvimento com a sua história de vida, esta constituída no modo como pessoas, coisas e fatos ganhando nele ressonância afetiva, evoca-lhe, assim, diferentes modos de ser. As escolhas feitas pelo cliente ao longo de sua história, comumente ditas com tamanho pesar em falas do tipo: “Eu deveria...”; “Hoje eu faria diferente...”; ou mesmo aquelas em que o cliente revela um certo distanciamento afetivo, pouca implicação com a sua conflitiva ou um certo desnorreamento em termos de experiência vivida: “O problema está em fulano...”; “Não sei o que se passa comigo...”- a princípio, parecem impactar enormemente o estagiário que, sobressaltado, expressa-se espantoso: “O que fazer?!”; “Não sei se vou conseguir dar conta”; “Deu um friozinho na barriga... fiquei paralisado.”

A sensação de impotência do terapeuta-estagiário face a angustiante experiência no contato com o cliente é comumente assinalada nas supervisões, momento em que distanciamos-nos da tônica em pauta, a saber, o discurso do cliente e nos remetemos a temáticas centrais que envolvem o conceito de *Dasein* proposto pelo pensamento heideggeriano. Inspirada em tal pensamento, percebo que essa atitude tem suscitado neles reflexões acerca de sua condição no mundo, das escolhas por eles realizadas, dos encontros e desencontros que revelam suas histórias de vida, e mesmo, da

expressiva falta de sentido que em momentos perpassa o seu existir. Nesses instantes, a dramaticidade da vida humana instaura-se, revelando em nós sensibilidade face a uma realidade que pretensiosa e aparentemente nos é imposta: o equivocado perfil de psicoterapeuta enquanto profissional que ancorado em conhecimentos prévios acerca do humano, torna-se um aplicador de técnicas que favoreçam o minimizar do sofrimento humano em sua dinâmica psicológica. (XIMENES, 2005)

Envoltos numa expressiva angústia, em momentos, um autêntico diálogo parece encaminhar os nossos encontros de supervisão, dando-nos a forte sensação de que instaura-se um íntimo conhecimento de experiências vividas, que traduzindo um mundo que nos é familiar, permite-nos, assim, uma possível compreensão daquele que mediante a avassaladora falta de sentido, solicita ajuda de um profissional, de alguém que “aponte” caminhos ou “favoreça” o seu movimento de integração e prosseguimento no tocante a uma história que intenta inquietantemente ser reeditada em sua singularidade. Podemos dizer que, “de olhos vendados”, o discurso do cliente e a intimidade com a sua história, permite-nos transitar num horizonte de busca de sentido no modo como este tem se revelado no mundo mediante suas próprias escolhas.

Depreendemos, assim, que refletir acerca das sessões de atendimento, das temáticas emergentes trazidas pelo cliente e, em particular, da atitude assumida pelo terapeuta face às mesmas, constitui o cerne de uma supervisão voltada para um modo de intervenção que favoreça o engajamento existencial que se inicia com a autenticidade do terapeuta enquanto ser de angústia. Estarmos atentos ao que se mostra no *setting terapêutico*, ao movimento que se instala no encontro ou mesmo desencontro de subjetividades constitui, dentre outros aspectos, a nossa prática de supervisão expressivamente preocupada com o modo como a relação vai sendo estabelecida a cada



---

atendimento, de modo a, numa maior ou menor familiaridade com o discurso do cliente, favorecer o redimensionamento do sujeito em sua dinâmica de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, M.M. O resgate da fala autêntica. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

FIGUEIREDO, L.C. Revisitando as Psicologias: Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. São Paulo: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Matrizes do pensamento psicológico. Petrópolis: Vozes, 1991.

HEIDEGGER, M. Ser e tempo – partes I e II (Tradução: Márcia de Sá Cavalcante.) Petrópolis: Vozes, 1997 e 1996 (respect.)

POMPÉIA, J. A clínica fenomenológica existencial. Laboratório de Estudos e Práticas em Psicologia Fenomenológica Existencial (USP).

SERRES, M. Filosofia mestiça. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991.

XIMENES, C.M.A. O sentido de ser do sintoma manifesto na clínica psicológica. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Recife: UNICAP, 2005.